

Contribuições de Nilson Lage para os estudos de jornalismo e mídia

Este dossiê se junta às homenagens que se presta a quem foi, durante décadas, o mais importante acadêmico para o jornalismo brasileiro. Nilson Lemos Lage (1936-2021) foi um raro pesquisador que conseguiu ser mais aclamado no meio profissional do que na universidade. Contou para isso não apenas o brilhante currículo como homem de redação, mas também a orientação que deu a suas obras e atuação, sempre no sentido de qualificar e apontar padrões de excelência ética e técnica para o ofício e seu ensino e pesquisa. Grande parte deste trabalho está disponibilizado no site *Observador do Mundo*, criado por ele (<https://nilsonlage.com.br>).

Lage era já um jornalista consagrado nacionalmente e um professor de jornalismo aclamado no Rio de Janeiro quando lançou seu primeiro livro acadêmico, *Ideologia e Técnica da Notícia*, fruto de sua dissertação de mestrado, em 1979. Mais do que se tornar bibliografia de referência para a área, adotada em cursos de todo o país, este livro, lançado por insistência de um ex-aluno, teve um impacto inesperado para o próprio autor: estabeleceu um novo paradigma para o estudo de jornalismo no Brasil, ancorado nos problemas da prática, buscando teorias para analisar a razão de ser das técnicas, numa perspectiva crítica que, contudo, não menosprezava a atividade: apontava os seus paradoxos, mas ressaltava sempre o seu potencial.

Nos cursos que ministrou na UFF, na UFRJ, em instituições privadas do Rio e na UFSC, nos seus livros posteriores e nas centenas de palestras que proferiu pelo país, Nilson Lage se tornou um exemplo de busca incansável pelo conhecimento associada a uma paixão inabalável pelo jornalismo. E assim fez escola, arregimentando uma legião de seguidores entre professores de jornalismo, que sofriam com a falta de referências científicas pertinentes e com o desprezo pelas práticas profissionais que caracterizava o ambiente da área acadêmica de Comunicação naquela época.

Esta liderança levou Nilson Lage a ser indicado pela área para várias funções importantes para a regulação do ensino da Comunicação e do Jornalismo no MEC, como a que fez a redação do último Currículo Mínimo, em 1984, do Exame Nacional de Cursos (o Provão), em 1998, e dos critérios para reconhecimento de cursos, nos anos seguintes. Paralelamente, mobilizava colegas com suas ideias em todos os fóruns profissionais e acadêmicos que debatiam o ensino da profissão.

Nestes espaços é que começou a encontrar professores da UFSC que experimentavam um novo norte pedagógico para o curso de graduação baseado na especificidade do jornalismo. Em grande parte, o departamento da UFSC havia se pautado em suas obras para sustentar essa opção, à época revolucionária dentro

do ensino de Comunicação no Brasil. Lage não inspirava apenas o ensino, mas também a pesquisa realizada pelos professores de jornalismo do Departamento na época, e que teve como principal destaque a obra de Adelmo Genro Filho. Por isso, foi natural que aceitasse o convite para fazer o concurso para Professor Titular, e se transferisse para a UFSC nesta condição em 1991, após sua aposentadoria nas federais do Rio de Janeiro em que trabalhara antes.

Na UFSC, a presença de Nilson Lage deu mais visibilidade e respaldo ao projeto pedagógico de ensino de jornalismo que acabaria por se tornar uma referência para outras instituições e também para as Diretrizes Curriculares Nacionais de 2013, que encerraram mais de 40 anos de desvalorização do Jornalismo na área da Comunicação. E sua participação na equipe foi fundamental para viabilizar a fundação do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, projeto que desafiava o senso comum da área, e que até hoje é único na América Latina no nível de Doutorado. Lage também lecionou e orientou na UFSC nos Programas de Pós-Graduação em Linguística, Engenharia de Produção e Engenharia e Gestão de Conhecimento (nos dois últimos como fundador da Linha de Pesquisa em Mídia e Conhecimento), antes de ser aposentado compulsoriamente por idade, ao completar 70 anos, em 2006.

Um pouco antes disso, entre suas muitas publicações, participou do primeiro número da *Estudos em Jornalismo e Mídia*, num texto assinado com seus ex-alunos Sérgio Rodrigues e Tales Faria, sobre o Diário Carioca, jornal em que trabalhou e que serviu de laboratório para uma revolução no texto jornalístico brasileiro, destacando a experiência como “um exemplo claro de transferência de conhecimento acadêmico para a inovação técnica no jornalismo” (<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2195>).

Relembrando o momento da publicação do artigo, o jornalista Tales Faria enviou um depoimento para a atual edição:

“Reencontrar Nilson Lage no início dos anos 2000 foi como ser atingido por um raio de energia juvenil quase 20 anos depois de formado. E quem disparara aquele petardo fulgurante? Meu eletrizante mestre, 21 anos mais velho do que eu, ainda saltitante e empolgado com o jornalismo, com o mundo acadêmico, seus alunos e ex-alunos. E, curiosamente, como sempre, extremamente crítico em relação a tudo isso. Às vezes decepcionado e até deprimido. Foi nessa época que aquele ser energético comunicou-me:

– Não esqueço daquele trabalho de final de curso de vocês. Ao conversar com os protagonistas do *Diário Carioca* sobre o aparecimento do *lead* na imprensa brasileira, você e o Sérgio Rodrigues entrevistaram a nata do jornalismo do país. Há histórias ali preciosas. Ainda vou escrever algo a respeito do trabalho de vocês.”

Pois bem. Nos primeiros meses de 2004, ele nos manda o artigo que enviou ao II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho para o Resgate da Memória e a Construção da História da Imprensa no Brasil - Rede Alcar. Um *paper* inspirado no tal trabalho de final de curso. O encontro da Rede Alcar ocorreu em Florianópolis (SC), terra para onde nosso mestre se mudou após deixar a UFRJ, decepcionado com a inoperância, as futricas e as armações do meio acadêmico na universidade onde ele havia me transformado em jornalista. Graças ao Nilson, e exclusivamente ao Nilson, eu e outros tantos colegas saímos daquela universidade – parafraseando Manuel Bandeira – maduros para o sofrimento e para o jornalismo.

Voltando ao artigo, sim, tinha algo meu e do Sérgio Rodrigues ali no texto, como trechos da descrição do primeiro manual de redação da imprensa brasileira, escrito por Pompeu de Souza no Carnaval de 1950; dos textos que descobrimos de Danton Jobim, sob pseudônimo, detalhando o que era *lead* antes mesmo de Pompeu trazer a técnica ao *Diário Carioca*. Um entusiasmado Nilson dizia: “Está vendo? Sempre falamos no Pompeu como quem trouxe o *lead* para o jornalismo brasileiro. Vocês revelaram que por trás dele estava o Danton, professor da UFRJ, de quem Pompeu era assistente. Foi um momento em que a academia e a atividade profissional se juntaram para fazer o jornalismo dar um salto.”

Também tínhamos dado uma pincelada no envolvimento da elite jornalística da época com a elite golpista da política. Mas foi muito por alto. Em seu artigo, Nilson acrescentou história, contexto político, interpretação e colocou o dedo nas feridas daqueles tempos. Não. Ele não fez um artigo em cima do nosso trabalho de final de curso. Fez um novo ar-

tigo, trazendo luz sobre o que apuramos e acrescentando o que ele próprio havia apurado numa vida inteira de envolvimento com o jornalismo e a academia.

Vale ler mais essa lição do Nilson Lage: “*Diário Carioca* – o primeiro degrau para a modernidade”, em que, por generosidade, ele incluiu a mim e ao Sérgio Rodrigues como coautores”.

Depoimentos de ex-alunos e colegas:

Tales Faria foi um dos ex-alunos da UFRJ que enviaram depoimentos para este dossiê, reunidos pelo também ex-aluno, depois professor, este da UFF, João Batista de Abreu:

“A educação transforma vidas e pessoas. Mestres atuam como intermediários dessa transformação. Os conhecimentos repassados costumam perpetuar-se quando os discípulos, sobretudo aqueles que se tornaram professores, tomam o aprendizado transmitido por antigos mestres como ponto de partida de suas aulas e acrescentam novos conhecimentos. Abaixo um grupo de jornalistas, todos ex-alunos de Nilson Lage, presta pequena homenagem a quem um dia nos abriu as portas para uma reflexão sobre o exercício da atividade e a ética profissional.” (João Batista de Abreu)

“Participar da redação em um grande jornal diário, desafio que me colocaram ao começar meu estágio no JB em 1971, com dois anos de faculdade, foi prática saborosa. Era da primeira turma de Comunicação Social, um curso novo na UFF. Alguns medos, sem dúvida, insegurança inicial, mas nenhuma surpresa, nenhuma trava. Nem pra mim, nem para qualquer ex-aluno do professor Nilson Lage. Ele sabia tudo de redação e ensinou tudo o que sabia. Não era um teórico – e tínhamos alguns muito bons em Comunicação. Sabia do que estava falando, conhecia o *métier*. Pergunte a todos os ex-alunos se teriam encontrado surpresas nas práticas das redações em que atuaram. Nenhum foi surpreendido. Nilson Lage foi a ponte mais segura entre a teoria no campo acadêmico e o criar coletivo das redações apressadas. A eficiente didática aplicada por ele me inspirou nas aulas em que, quase 30 anos depois, me empenhei nas turmas de Edição de Jornal na Faculdade Plínio Leite, em Niterói. Não com o mesmo sucesso. As gerações sucessivas haviam mudado. Encontrei gente transformada pela era digital, com elevada carga de dispersão em aulas formais, pragmatismo excessivo quanto ao diploma. O esforço de ensinar dobrou, a absorção do conhecimento caiu. Nilson Lage fez o meio de campo de sua época e partiu.” (Romildo Guerrante, 80 anos, jornalista e professor da Faculdade Plínio Leite, em Niterói, Graduado na primeira turma de Jornalismo da UFF (1969-1974), primeira experiência docente de Nilson Lage).

“Nilson Lage, quem diria, me fez professor de Fotografia. – Poeta (era assim que ele me chamava), acompanho seu trabalho como monitor de Fotografia no IACS, vejo o carinho dos alunos com você, vi suas fotos na revista da UFF e sei que você será um excelente professor de Fotografia. “De Fotografia? Eu nunca dei aulas de Fotografia”, respondi atônito. De todas as lembranças do respeitável mestre que trago comigo, a mais surpreendente foi o convite que ele me fez em 1976 para dar aulas de Fotografia na Universidade Gama Filho, onde dirigia o curso de Jornalismo. Recém-formado, acho que só consegui dizer um “então tá” e agradecer. Quatro anos depois, em 1980, voltei ao IACS como professor de Fotografia e em 1983 passei no concurso público da UFRJ para ministrar Fotografia. Tive aulas com Nilson Lage durante a primeira metade da década de 1970 e ainda hoje me vêm à cabeça as técnicas de redação e edição presentes depois no livro *Ideologia e Técnica da Notícia*. Um clássico – vamos combinar – alternando tópicos frasais e documentações para construir textos de grande compreensão popular, a partir dos exemplos encontrados na Bíblia e no Manifesto Comunista. Às vezes o Nilson me parecia rabugento, outras profético, mas era sempre certo. Daquele convite do Nilson pra cá foram 46 anos ininterruptos dedicados ao magistério da Fotografia, uma dívida com meu velho professor de Redação e Edição, que carrego na alma e no coração. Continue sendo luz onde quer que você esteja, mestre Nilson Lage.” (Dante Gastaldoni, professor da UFRJ, UFF e Universidade Gama Filho, Graduado em Comunicação na UFF em 1975).

“Fui aluna de Nilson Lage na UFF dos anos 1970 quando os homens eram maioria na universidade e nas redações. Os professores traziam para a sala de aula sua experiência de mercado. O aprendizado acontecia a partir dos exemplos vividos profissionalmente. Nilson Lage ia além porque trazia reflexões. Levei esse aprendizado para a minha prática no jornalismo. Eu o reencontrei no início dos anos 1990, quando ingressei na docência.

Nos congressos da FENAJ, encontros do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo e eventos profissionais e acadêmicos. Eram aulas magnas que me renovavam e que procurei levar para as minhas aulas. O livro *Reportagem; Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística* até hoje é minha bíblia de cabeceira. Sempre que consulto volto aos bancos escolares e relembro com orgulho passagens que vivenciei na sala de aula. Nilson apreciava a combinação perfeita da norma culta da língua com a simplicidade.” (Carmen Pereira, Graduada em Jornalismo na UFF (1975), foi coordenadora de Jornalismo da Universidade Gama Filho e professora da Castelo Branco. Leciona atualmente na Unicarioca e é diretora de educação da Fenaj.)

“Das aulas do professor Nilson Lage na UFF no início dos anos 80, ficam as lições fundamentais sobre a importância do jornalismo para a democracia. Os princípios e valores que orientam a prática profissional do jornalista e a ética sustentam esta relevância na esfera pública. Minha memória resgata uma de suas frases didáticas sobre a questão da verdade nas notícias: “no jornalismo, o que não é verdade só pode ser erro ou fraude”. Não sei onde está a referência bibliográfica da frase, mas como professor de Redação em Jornalismo, adotei dois livros do Nilson: *Ideologia e técnica da notícia*, lançado em 1979 como resultado de sua dissertação de mestrado em Letras na UFRJ, e *Teoria e técnica do texto jornalístico*, de 2005. Adotei também, mais recentemente, esses dois livros em cursos de Teorias do Jornalismo no Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUC-Rio. A utilização das duas obras acadêmicas nos dois níveis de formação demonstra a amplitude das discussões teóricas ali apresentadas. Lage ensina que não é notícia o que alguém pensa, imagina ou sonha e sim o que se disse, relatou ou confessou. A lição de Lage – presente em minhas memórias estudantis e práticas docentes – pode estar sintetizada na ideia de que a essência do jornalismo é a informação. O jornalista possui o dever de informar corretamente e o cidadão tem o direito de ser informado com qualidade.” (Leonel Aguiar, professor e coordenador do curso da PUC-Rio, graduado em Jornalismo na UFF).

“Na Escola de Comunicação da UFRJ, onde me formei, Jornalismo era sinônimo de Nilson Lage. Nos anos 1970 havia uma distância muito grande entre teoria e prática no ensino de Jornalismo. Nilson era um professor que encurtava essa distância pela experiência que trazia das redações em que trabalhou. Seu ensino não se limitava à sala de aula. Nos corredores, a conversa com os alunos se estendia por horas. Nesse ambiente descontraído, Nilson Lage era um mestre a formar discípulos. Algumas gerações de jornalistas tiveram o privilégio de aprender a profissão com este professor e autor de livros fundamentais na formação de profissionais de imprensa e mestres universitários.” (Luís Carlos Bittencourt Graduado em Comunicação (habilitação Jornalismo) na Escola de Comunicação da UFRJ (1976). Professor na ECO e na Universidade Veiga de Almeida.).

“O impacto de encontrar professores com a qualidade e o conhecimento do quadro docente da ECO ao chegarmos do ensino médio só é melhor mensurado muitos anos depois. Uma dessas joias foi o professor Nilson Lage. Com sorte, o encontrávamos sério. Muitas vezes não tínhamos essa sorte – estava mal humorado mesmo. Não tinha o hábito de fazer concessões a absurdos e injustiças, omissões e interesses desviantes do que deveria ser a prática de pessoas que respondiam pela organização da sociedade, fossem políticos, profissionais liberais, funcionários públicos concursados. Com o tempo, lembrando daqueles momentos marcantes que absorvíamos pelos textos, livros, aulas e exercícios passados por Nilson Lage, e também pelo convívio presencial, vejo o quanto ele deixou gravado de integridade no comportamento através do qual revelava seu agrado ou desagrado em relação ao que criticava ou enaltecia. Víamos em seu comportamento o filtro que aplicava à vida. Respirava opinião, os valores que respeitava. Depois, como professora, indiquei muitas vezes suas obras. Meu desejo era oferecer a chance a quem não teve a mesma sorte – a de observá-lo e perceber seus humores – de pelo menos lê-lo e entrar em contato com a forma como refletia a respeito do jornalismo ético, claro e consciente, da necessidade de profissionais conscientes que se tornassem intermediários contextualizadores da realidade em que estamos inseridos. Grata, professor! Valeu. (Cristina Rego Monteiro, Graduada em Jornalismo na ECO/UFRJ (1978), foi professora da UFF e atualmente é professora associada e ex-vice-diretora da faculdade na UFRJ).

“Quando cheguei ao *Jornal dos Sports* para meu primeiro estágio, no começo da década de 1980, tive a felicidade de lá encontrar o professor Nilson Lage, editor do diário com quem já convivía nas salas de aula da UFF. Foi uma nova oportunidade de aprender com o Nilson, e entender que a teoria é a mesma na prática: os conceitos do Jornalismo valem tanto

em sala de aula como numa redação, os princípios éticos regem o exercício da profissão. Como editor-chefe do jornal esportivo *Lance*, às vezes recebia a inspiração do mestre da UFF. Fico feliz hoje de continuar aprendendo semestre a semestre com Nilson, pois seus livros fazem parte do conteúdo que levo para as aulas de Jornalismo Esportivo na Facha, em Botafogo. As ideias e conceitos de edição valem para todas as editorias. Uma qualidade adicional do professor é a generosidade editorial. Os alunos podem literalmente levar suas obras para casa, porque o autor as disponibilizou gratuitamente em seu site e no portal da Universidade Federal de Santa Catarina. Mesmo depois de partir, Nilson se imortaliza ao compartilhar seu conhecimento. Bom para todos nós! (Roberto Marinho Falcão, Professor da Faculdade de Comunicação Hélio Alonso (Facha) Aluno da UFF 1979-1984).

“ – Professor, meu trabalho pode abordar o movimento de associações de moradores e suas polêmicas?

– Claro!, respondeu Nilson Lage, com surpreendente fascínio pela pauta sugerida. Meus dois “mundos”, por assim dizer, eram a Praia Vermelha, *campus* da faculdade, e o bairro de Inhaúma, na Zona Norte do Rio de Janeiro, onde nasci e vivi até meados da década de 1980. Na época, eu participava da comissão pró-Associação de Moradores

Naquele momento, percebi o quanto os temas vinculados ao cotidiano das comunidades atraíam o professor e jornalista. No trabalho, ouvi quem atuava na Federação das Associações de Moradores do Rio de Janeiro (FAMERJ) e quem relativizava a relevância do movimento de bairros.

A sentença de Nilson: “Vou te dar nota 9 nesse texto por causa desses quatro erros de ortografia”, afirmou apontando para as quatro folhas de papel datilografadas. Não é raro que alguém como eu, com baixa visão, cometa erros ortográficos, mas ganhar nota 9 dele também era algo raro. Celebrei como um troféu. Nilson Lage foi duplamente decisivo em minhas profissões. Com ele, aprendi a escrever. Como jornalista (desde 1984), passei a zelar pela clareza do texto e a pluralidade de opiniões como um princípio básico de nossa profissão. Como professor (desde 1990), inspiro-me nas aulas que associam o fazer e o pensar. Aliar prática e teoria significa, inclusive, a essência do trabalho e das aulas na ONG Unirr, que coordeno desde 1995. Sou muito grato ao saudoso e inspirador mestre. A nota 9 foi minha. A dele é 10.” (Marcus Aurélio de Carvalho Graduado em jornalismo na ECO-UFRJ (1984), lecionou na FAAP, em São Paulo, Pinheiro Guimarães e Unicarioca, no Rio, e na UFF, em Niterói.).

“A primeira vez que entrei numa aula do professor Nilson Lage, no velho casarão rosa do IACS, em Niterói, me deparei com tudo aquilo que, ainda rapazola vindo de São Gonçalo, imaginava ser um jornalista. Estava diante de um monstro que seduzia pela inteligência, ética, pelo trabalho nos melhores jornais da antiga capital do país. Vivíamos os últimos momentos da ditadura militar, na primeira metade dos anos 1980, e a disciplina era Técnica de Reportagem. Embebecido, tomava contato com o modo de construção da notícia com alguém que passara pela *Última Hora*, *O Globo*, *JB*, *Diário Carioca*, *TVE*. Nilson Lage conciliava, na sala de aula e na vida, a paixão e a responsabilidade social pela profissão que eu e meus colegas de turma havíamos escolhido. Gestos fartos, voz alta, ele magnetizava a todos com a sua memória, perspicácia, a paixão sem fim pelo ofício. Com ele e nele o Jornalismo corria quente pelas veias. Nilson deixou a UFF e foi lecionar apenas na Praia Vermelha. Quando se aposentou na UFRJ, fez concurso para professor titular na UFSC, em Florianópolis. Eu já estava na correria do mercado, na vida insana de moer sonhos que é o telejornalismo. Em 2003 comecei minha vida de professor na faculdade de Comunicação da UnB. Na insegurança de enfrentar a sala de aula, decidi trazer tudo o que me havia impactado na primeira aula que tive com ele. Reencontrei no brilho dos olhos do professor Nilson Lage a coragem e o ânimo que tenho para ensinar, estimular e incendiar quem ama e quem se importa com a notícia, com o fato, com o Jornalismo. (Caíque Novis, Graduado em Jornalismo na UFF (1989). Professor da Universidade de Brasília (UnB) desde 2003.

“Nilson Lage era meio ogro, supercrítico, rabugento mesmo. Pontificava a cada aula contra o mau jornalismo praticado pela imprensa da época, discutindo desde a estrutura dos textos até a escolha de palavras, desnudando preconceitos e o viés de coberturas. Para ele, tratava-se de uma escolha ideológica nomear uma pessoa como terrorista, militante ou combatente. Ele personificava o jornalista com trajetória de redação que ensinava o caminho das pedras, familiarizando-nos com uma atividade desgastante, ainda que socialmente valorizada naqueles tempos de pós-redemocratização. Depois de seu curso, nunca mais escrevi de forma impensada. Com o tempo percebi que Nilson era bem mais que o bicho-jornalista que também dava aulas para pagar as contas no fim do mês. Ele foi um dos

pioneiros na transição mercado-academia. Conciliou os estudos com a prática profissional, concluindo mestrado em 1978 e se tornando doutor em Linguística em 1986. Não é preciso concordar com a abordagem teórico-metodológica para entender sua importância para os estudos do Jornalismo. Quando a área de Comunicação se constituía, incorporando doutores de outras áreas do conhecimento, como Filosofia, Psicologia, História, Sociologia e Antropologia, lecionando ao lado de gente de redação (muitos sem titulação, nem didática, com dois ou três empregos), Nilson Lage nos apresentou um fazer jornalístico reflexivo, mostrando-nos que a prática profissional deveria ser objeto de pesquisa. Não é pouco.” (Marcelo Kischinhevsky, Graduado em Jornalismo pela Escola de Comunicação da UFRJ (1993) lecionou na PUC-RJ e na UERJ, atualmente é professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e dos cursos de Jornalismo e Rádio e TV da UFRJ).

Fui aluna de Nilson Lage na Escola de Comunicação da UFRJ, na Praia Vermelha, Rio de Janeiro. Um prédio neoclássico lindíssimo. Numa dessas salas de pé direito alto, portas e janelas majestosas e decadentes, Nilson Lage reinava. Não era um rei com sede de poder, era um rei com poder, e ponto. O poder da experiência e da sabedoria. Ele nos falava de jornais que eu não conheci, de histórias que eu imaginava em preto e branco num outro tempo do jornalismo; e ele era sério, e falava seriamente sobre o jornalismo, transpirava ética; falava sobre a seriedade do jornalismo e buscava acabar com as nossas ingenuidades: “*shampoo é detergente*”. “Jornalistas não se podem deixar levar pela publicidade, pelo mercado”. A não muitos passos do Círculo Militar, da Escola Superior de Guerra e outros ambientes militares na vizinhança, ainda na primeira metade da década de 1980, ele vociferava contra o fato de professores não terem dinheiro para comprar livros. E explicava sobre fatos e *fait-divers*. O resultado é que levei o jornalismo muito a sério, em veículos e tempos que já estão quase em preto-e-branco para meus alunos na PUC-RJ. A presença do Nilson Lage em mim serve de âncora em tempos pós-modernos difíceis, nos quais a verdade é questionada como versão e os fatos são vistos como crença de alguns.” (Patrícia Maurício. Graduada em Jornalismo na ECO/ UFRJ (1991), leciona atualmente na PUC-RJ).

“Em 2001, defendi dissertação de mestrado na minha primeira casa universitária, o Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF, com o título *O Discurso da Notícia: o objetivismo jornalístico e seus efeitos*. Uma remissão direta a um livrinho que fez nossa cabeça nos anos 80, *Estrutura da notícia*, do professor Nilson Lage, jornalista e doutor em Letras, de quem fui aluno no mesmo IACS em 1986. Se Lage fazia menção a uma abordagem estrutural da notícia, era meu objetivo na pesquisa olhar o gênero jornalístico sob um viés discursivo. Por isso a referência ao mestre nunca se desfez em todo meu percurso do mestrado. Ao longo da carreira docente, nos primeiros 12 anos em faculdades do Rio e depois na Universidade Federal de Juiz de Fora (desde 2009), nas muitas passagens por disciplinas de redação e edição, esse diálogo tácito me acompanharia. É o que tentei e tento até hoje passar aos alunos. Certos professores acompanham nosso percurso por toda a vida, e de diversas formas: pelo conteúdo que trouxeram; a interlocução frutífera que muitas vezes transcendem os assuntos escolares; as referências bibliográficas, documentais e de vida; o estilo cativante; pelas questões que suscitam. O modo como Nilson me acompanha é esse último: o trabalho dele me interroga até hoje e minhas aulas e pesquisas de alguma forma são meios que busco para tentar respondê-lo.” (Wedencley Alves, professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, Graduado em Jornalismo na UFF - 1986)

“Foi Nilson Lage quem me ensinou o que é lead. Não tenho lá memória muito boa, mas lembro-me muito bem dessa aula na Escola de Comunicação da UFRJ, no início dos anos 1990. Quando o conceito se iluminou, compreendi que sua técnica básica poderia ser acessível a todo jornalista. Era, digamos, nosso ‘feijão com arroz’. Mas depois de explicar o básico, logo o professor nos lançava o desafio, estimulando-nos a ir além: ‘O resto é com vocês’. Até hoje escuto essas palavras. Mas Nilson Lage não foi apenas meu primeiro professor de Jornalismo. Foi também meu primeiro editor. Convidado a criar o *house organ* do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, da UFRJ, ele fez uma seleção entre alunos interessados em terem uma bolsa para fazer reportagem. Eu, claro, não hesitei em me candidatar. Foi minha primeira experiência como repórter, experiência e tanto, já que o HU é um mundo dinâmico e complexo. Entre as muitas histórias que o HU me deixou, consegui ver aprovada uma pauta sobre inovações médicas para uma revista de grande circulação, a partir do que eu havia encontrado nas apurações por lá. Era um baita desafio, na véspera de carnaval. O professor, mesmo de férias, se prontificou a me ajudar: em plena quarta-feira de cinzas recebeu-me para editar o texto. Com essa ajuda, claro, ganhei elogios, um bom dinheirinho então para mim e o convite para fazer outra reportagem para lá. Hoje,

também professora, o mestre me leva a pensar sobre o papel do professor, entre a prática, a teoria, as ideias, além do espírito de uma baita doação. Obrigada, professor! (Rachel Bertol, Graduada em Jornalismo pela ECO/ UFRJ em 1993, professora da Universidade Federal Fluminense (UFF)).

“Convivi com professor Nilson Lage em dois momentos distintos: como aluna do Mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina e depois como professora substituta no curso de Jornalismo na mesma instituição. Nunca tive oportunidade de contar que a didática que ele usou no Mestrado foi inspiração para algumas das minhas aulas na graduação em Jornalismo. Lage entregava aos alunos, no início de algumas aulas, um texto produzido por ele. Ao longo do encontro, lia alguns parágrafos que norteavam a explanação do dia, sempre com contextualização histórica aprofundada. Em alguns momentos, instigava os alunos a refletir sobre a explanação e expor a opinião, contra ou favor. A metodologia obrigava que a plateia buscasse subsídios para expor as análises, sem constrangimento, diante do professor que possuía uma bagagem teórica indiscutível. Tenho certeza de que para ele, esses momentos em sala de aula, ao longo da carreira acadêmica, também sempre tiveram relevância. No prefácio do livro *Ideologia e Técnica da Notícia*, por exemplo, Lage agradece aos alunos que “ouviram e procuraram compreender, com infinita indulgência” as ideias expostas na obra. Em nossa convivência como professores do curso de Jornalismo da UFSC, nunca contei que, embora não goste de café preto, aproveitava a hora do cafezinho para encontrá-lo. Nesses momentos, sempre tive a certeza de que sairia sabendo algo a mais ou aprofundando o conhecimento, não só do Jornalismo, mas em tudo que fosse importante para a vida.” (Regina Zandomênic, ex-aluna e professora substituta da UFSC, atual coordenadora do Curso de Jornalismo da Universidade Estácio de Sá em Santa Catarina).

Também os editores convidados deste dossiê tiveram a vida pessoal e profissional fortemente marcadas pela obra, as ideias e a convivência com Nilson Lage. Eduardo Meditsch considera que Lage foi determinante para a sua entrada na vida acadêmica e para o rumo que ela tomou:

“Quando soube que haveria um concurso para professor de jornalismo na UFSC, em 1982, resolvi me inscrever e procurar bibliografia para me preparar. Mas os livros que me indicavam à época, muito na linha da Escola de Frankfurt, não entusiasmavam o jornalista da prática que eu era. Então um amigo me indicou *Ideologia e Técnica da Notícia* do Nilson, e identifiquei nele o sentido que teria minha vida acadêmica: buscar teoria pertinente para entender e melhorar a prática do jornalismo. Preparei minha prova do concurso expandindo a análise que o livro fazia das notícias de jornal para as notícias do rádio e da televisão, fui aprovado com nota 10 e me tornei professor. A visão de Nilson Lage sobre o ensino de jornalismo também inspiraria nossa luta para tornar o curso da UFSC uma “escola” paradigmática e, mais tarde, para a criação de nossa pós-graduação específica. Desta forma, sua influência sobre meu trabalho, minha carreira e minha vida já estava presente antes mesmo de conhecê-lo pessoalmente e me tornar seu amigo, e entre as coisas que fiz pela instituição de que posso me orgulhar está o fato de tê-lo convencido a vir fazer concurso para professor titular na UFSC, após sua aposentadoria no Rio, e a se mudar para Florianópolis para trabalhar conosco”.

Samuel Pantoja Lima foi um dos muitos alunos que Nilson Lage teve na UFSC:

“Foi a meu convite que ele escreveu, no começo de julho de 2020, o Posfácio intitulado ‘No grau zero de um mundo futurista ou de um passado tenebroso’, no livro que organizamos com artigos de pesquisadoras/es da Rede de Estudos sobre Trabalho e Identidade dos Jornalistas (RETIJ), ligada à Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR). Em oito páginas, o mestre examina o conjunto dos textos que compõe os ‘Novos olhares sobre o trabalho no jornalismo brasileiro’, publicado no 2º semestre de 2020, mas centra seu foco – no longo ciclo histórico, “do bardo ao blog”, desde o final do século XV às primeiras décadas do século XXI –, na “ascensão e declínio da verdade”. Olhando o cenário brasileiro (e internacional, certamente), Nilson argumenta: “Sem o paradigma da verdade ancorado em evidências, qualquer afirmação vale tanto quanto outra; dispensa e rejeita argumentação em contrário. A Terra é plana, Gaia vingará-se do desprezo dos homens pela natureza, a Estação Espacial Internacional fica em um estúdio da Nasa, políticos receitam

medicamentos eficazes etc. Trata-se de uma nova mística, fundada no poder que alguns homens têm de impor aos outros verdades de sua eleição, como escreveu Martin Heidegger em “Sobre o conceito de verdade” (1932-1941)”. Ele finaliza discutindo a “putrefação da democracia”, abatida pelo delírio neoliberal planetário, e propõe uma saída para nós, a tribo dos/das jornalistas: “[Nós, jornalistas] armados de ceticismo, teremos que reconhecer os limites de nosso poder como fiscais ou ditadores da verdade; será melhor nos reservar a condição de intérpretes, observadores e críticos vulneráveis, com poucas certezas; e, como os malabaristas, artistas de teatro e professores primários, assumir a condição de servidores públicos, entre os estafetas e os faxineiros de ideias”.

Convivi com ele nos últimos 21 anos, desde o começo do doutorado, sob sua orientação, no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (Mídia e Teoria do Conhecimento), em setembro de 2000. Mentor, amigo, companheiro, professor, mestre e eterno orientador: minha carreira docente não teria existido sem a presença inspiradora de Nilson Lage. Não existe nenhuma palavra que possa expressar toda minha gratidão a ele; restam minhas lágrimas, afeto e reverência.

Resgato alguns trechos de um post que o professor Nilson Lage publicou, em sua página no Facebook, em 21 de novembro de 2016, ao completar 80 anos. O texto é uma perfeita tradução de sua fina ironia, sensibilidade e capacidade de provocar risos no leitor e, ato contínuo, a mais vertical reflexão. Vejamos o começo: “Completo hoje, segunda-feira, 80 anos. Não imaginava durar tanto. Tirando o que o tempo estragou — dois terços das funções pulmonares, um olho, a cabeleira, os dentes — a saúde é ótima, diz-me a jovem médica, mentindo como de praxe. Mas a pressão arterial é 8x12 e o colesterol HDL, alto como raramente se vê. Minha vida se passou entre mulheres: mãe, esposas, quatro filhas, netas (depois de meu pai, nenhum homem nesse círculo íntimo). As que sobreviverem estão bem: ninguém depende de mim – meta alcançada. Amigos, tive raros, mas queridos; morri no tanto com cada um dos que morreram. Alunos, muitos, depois colegas. Quanto à carreira, nada foi planejado”. Sobre a vida, ele compartilhou, generoso: “Viver tem sido experiência fascinante. Vivendo, aprendi que o que merece ser dito não pode ser dito, frase que copio de Wittgenstein: experiências têm um aqui-e-agora que não se transmite. Descobri que a memória é como um dicionário de conceitos acoplado a cenas marcantes em que alguns detalhes são preservados e outros se perdem: assim o passado repassa-me em fragmentos de ação e emoção. Revendo os personagens, concluo que tanto os justos quanto os canalhas me foram úteis; fico devendo, a uns pelo que me iluminaram e a outros pelo que me tornaram mais forte. Aí entra o que mais me orgulha: nunca fiz mal a ninguém, nunca explorei ninguém, nunca cedi além do que devia. Paguei caro por isso, mas valeu a pena”. E fechava aquele post inesquecível, reafirmando a defesa da educação pública, em tom quase profético: “Devo muito ao excelente colégio público em que estudei, às universidades públicas que cursei sem pagar um centavo por isso — coisa linda do Brasil. Ficaram-me dois compromissos que procuro honrar: com minha classe de origem e com o país que me deu tudo isso. O último capítulo de minha história começa agora”. Nilson Lemos Lage se encantou, na noite veloz de 23 de agosto de 2021, em Florianópolis, outrora chamada Nossa Senhora do Desterro...”

Os textos do dossiê

Oito artigos e uma entrevista submetidos foram aprovados pelos pares pareceristas para compor este dossiê sobre as contribuições de Nilson Lage para os estudos de jornalismo e mídia. O primeiro deles, escrito a seis mãos pelos professores Pedro Aguiar, Sonia Aguiar Lopes e João Baptista de Abreu Júnior, da Universidade Federal Fluminense, busca nos livros de Lage e em lembranças de suas aulas a visão do mestre sobre o processo de edição, que articulava todas as etapas da produção jornalística. Ao notar a ausência destas referências na bibliografia na maioria dos cursos brasileiros de jornalismo hoje, os autores defendem esta retomada para qualificar a compreensão dos alunos sobre as várias dimensões dos procedimentos realizados no processo de edição, passando pelo planejamento, gestão, produção e tratamento dos conteúdos jornalísticos.

O segundo artigo, assinado por Lia Seixas e Eder Luis Santana, orientadora e doutor pela Universidade Federal da Bahia, também se debruça sobre o processo editorial da notícia a partir de Nilson Lage, mas enfatiza outros aspectos enfatizados nas obras do autor: seleção, ordenação e nomeação. O texto debate a definição

de *lead* proposta por Lage diante das variações sugeridas por autores contemporâneos do jornalismo online, discute também os critérios de seleção e ordenação apresentados por ele diante do debate posterior sobre critérios de noticiabilidade e enfatiza que, na consideração do interesse público ou do público na orientação editorial, Nilson Lage foi o único autor a apontar o interesse de classe social como variável importante.

O terceiro artigo, de Rogério Pereira Borges, professor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, também recorre à obra de Nilson Lage para demonstrar a permanência de sua atualidade para o ensino dos gêneros fundamentais do jornalismo, como a notícia e a reportagem. Recorrendo também a autores como Berger & Luckmann, Genro Filho e Sodré, Borges aponta para a contribuição teórica original de Lage a uma epistemologia do jornalismo.

Ingrid Pereira de Assis, professora da Universidade Federal de Tocantins e doutora em Jornalismo pela UFSC, assina o quarto artigo, apontando também a pertinência das ideias de Nilson Lage para fundamentar a compreensão do jornalismo na atualidade. A autora demonstra como o conceito de notícia desenvolvido nos livros dele dá margem a desdobramentos na situação atual, como por exemplo para a noção de “notícia autodestrutiva” proposta em sua tese de doutorado.

O quinto artigo é de autoria do professor Geder Luiz Parzianello, da Universidade Federal do Pampa. No denso ensaio baseado em sua experiência pessoal de aluno e de docente que conviveu com a presença da obra bibliográfica de Nilson Lage nas duas condições, o pesquisador da Unipampa ressalta a erudição do autor e sua capacidade de expressão como “professor que escreve”, em textos tão claros quanto densos e originais, capazes de seguir encantando as novas gerações de estudantes. Parzianello destaca como Lage evitou sempre a escrita empolada e protocolar que prevalece na prática acadêmica, o que torna seus textos de uma riqueza ímpar para o debate em sala de aula sobre o jornalismo, sua história e suas relações com o poder.

No texto que aparece em seguida, Luis Mauro Sá Martino, da Faculdade Cásper Líbero, recupera um debate no qual Nilson Lage participou ativamente ao longo de sua carreira docente, o de qual teoria seria relevante no ensino de jornalismo. A partir do interessante exercício de debater um texto de Lage publicado no Observatório da Imprensa aos alunos da disciplina de Teoria da Comunicação, cujos conteúdos o mesmo texto aponta como irrelevantes, Martino traz para este dossiê a visão do autor sobre quais conteúdos teóricos seriam mais relevantes para a formação profissional do jornalista. As referências listadas por Nilson Lage podem ser surpreendente em relação ao cânone, mas certamente representam um desafio sério para se repensar a disciplina.

O sétimo artigo do dossiê debate mais particularmente a obra que Nilson Lage considerava no final da vida como a sua mais importante: o livro sobre o controle da opinião pública. Os professores do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa Sérgio Gadini e Karina Janz Woitowicz relembram as hipóteses formuladas por Lage sobre o controle da opinião e discutem a sua atualidade diante do cenário de desinformação provocado pela estratégia de dominação das redes sociais pelo autoritarismo populista contemporâneo.

O oitavo artigo, da pesquisadora Kérley Winques, doutora pelo PPGJor da UFSC e professora de Jornalismo no IELUSC de Joinville-SC, também avança nesta direção observando particularmente o papel das mediações algorítmicas neste processo de formação de opiniões. A partir de um estudo de recepção com diferentes públicos, a autora observa estas mediações ao mesmo tempo que pontua que dimensões estruturantes descritas na obra de Nilson Lage seguem sendo fundamentais neste processo.

Fecha este dossiê a transcrição da íntegra da entrevista concedida por Nilson Lage à então doutoranda, agora doutora pelo PPGJor-UFSC e Coordenadora do

Curso de Jornalismo da UniSATC de Tubarão-SC, Karina Woehl de Farias. Realizada em janeiro de 2018 na residência do professor, a entrevista traz revelações sobre a carreira, seu olhar crítico sobre a academia e também sobre o desempenho da grande mídia brasileira em sua missão de fornecer informação para a cidadania.

Em seu conjunto, o dossiê sobre as contribuições de Nilson Lage para os estudos de jornalismo e mídia se concretiza num registro importante sobre sua vida, sua obra e seu legado. Nossos agradecimentos aos autores que enviaram textos e depoimentos, aos pareceristas que os revisaram, à equipe da revista que dá o acabamento final. Agradecemos também às editoras da *Estudos em Jornalismo e Mídia*, professoras Terezinha Silva, Flávia Guidotti e Raquel Ritter Longhi, pelo convite para participarmos desta empreitada que, além de seu significado científico, tem também um componente afetivo como mais uma homenagem a nosso mestre, referência e amigo.

Eduardo Meditsch e Samuel Pantoja Lima – Editores Convidados